

Quando os poderes empurram para trás

written by Alberto Jorge Santos | 7 de Dezembro, 2025

O CIDADÃO
Journalism Online

EDITORIAL
Alberto Jorge Santos



No passado fim de semana tive o privilégio de apresentar o livro de Vítor Carvalho, **"O Cidadão para os Cidadãos"** na **Casa das Beiras em Lisboa**.

Coube-me a honrosa tarefa porque o livro junta um conjunto de artigos de opinião e crónicas do autor, publicados durante um ano, em **"O Cidadão"**. O convite para falar sobre ele, teve a ver a com a minha função de diretor e editor do jornal.

Em boa hora o autor escolheu a **Casa das Beiras** para apresentar um livro sobre **Cidadania** na capital do país.

Num momento em que a literacia mediática, a necessidade de incentivar a leitura e o avanço avassalador do analfabetismo funcional, preocupa os agentes que veem a participação cidadã cada vez mais frágil, é de particular importância usar as

casas regionais e **outros espaços associativos** para a apresentação de livros.

Como era previsível, na participada discussão que aconteceu após a apresentação da obra, **o associativismo** também esteve no centro das conversas.

A conclusão, também previsível, foi um leque de reclamações – custos, burocracia, pouco interesse por parte dos poderes políticos e económicos. **Mas também propostas de soluções.**

Por cá **o que não dá lucro** tem pouco interesse, poucas ajudas e, em alguns casos, nenhuns incentivos. Ora, quando os cidadãos estão anestesiados, em casa, agarrados a **redes sociais e programas de televisão de duvidosa qualidade**, seria imperioso haver por parte de quem dirige Portugal, a promoção e forte incentivo ao associativismo e cooperativismo.

Na realidade, isso não acontece. Antes pelo contrário. Quase 500 euros na “Associação na Hora” e, depois, uma odisseia para abrir conta bancária (obrigatória) – certos bancos disseram a O Cidadão que não têm interesse em abrir contas para associações... e estamos só no início do processo...

No litoral, com mais ou menos dificuldade, vamos conseguindo abrir associações. As pessoas (totalmente instrumentalizadas pela palavra mágica: dinheiro) custam a mobilizar para um trabalho que não é pago. O interesse de todos ou o bem comum, se preferirem, **é coisa de somenos** para alguns (sempre demasiados por poucos que sejam). O individualismo causa moça à comunidade. Se causa!

Mas estar numa casa regional, com alguns beirões de rija cepa, faz-nos pensar no que acontece há já alguns anos nas regiões do interior. Além de todas as dificuldades enunciadas atrás, coloca-se outra – tão ou mais grave. Há municípios que não possuem jornais ou rádio locais (ou têm-nos, mas são totalmente controlados pela autarquia e pelas igrejas), **nem quiosques para venda de jornais**. Onde vão as pessoas encontrar

a informação? Nas pérfidas redes sociais ou na tóxica televisão. Apenas. Isto é lamentável! Diria mesmo, **inaceitável**.

Para dar cabo do que ainda existe, a **VASP**, que distribui livros e jornais em concelhos do interior, ameaça (há quem considere bluff e estratégia comercial) extinguir este serviço. Um senhor chamado Marco Galinha, empresário de sucesso, é o investidor maior da empresa. Tem (ou teve) participações sociais de vulto na Global Notícias. Será, queremos acreditar, uma pessoa responsável e entenderá a problemática. Todos estamos recordados das dificuldades por que passaram a TSF, o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias, títulos dessa empresa de comunicação social. Parcialmente resolvidos. Agora é a VASP, do mesmo senhor, a ameaçar os concelhos do interior com a falta de jornais e livros. Que estranha coincidência... Que seja apenas isso.

Face a tudo, é legítimo pensar que os poderes (políticos e económicos) querem destruir os jornais ou privar as pessoas de os lerem. Principalmente as do interior do país.

Já para não falar na **legislação das rádios locais** – a famigerada Lei da Rádio. Tão rigorosamente aplicada (e bem!) na atribuição de novas antenas nos finais dos anos 80, acabando com as “rádios piratas”, é hoje uma miragem. Pouco é cumprido e as propriedades constituem quase um **monopólio** evangélico. Os governos preocupam-se com este atropelo gravíssimo? Não! Como canta o Carlão, *“assobiam para o lado.”*

As pessoas estão preocupadas, mas não sabem o que fazer. E as sugestões existem. Na Casa das Beiras, em Lisboa, foram enumeradas algumas. Como pô-las em prática? **Essa é a dificuldade-mor**.

Também ouvimos, nessa sessão de Cidadania em Lisboa, mas dirigida ao interior, pessoas a indignarem-se por o movimento associativo estar *“sistematicamente a pedir verbas públicas”*

para avançar.

A resposta é que, mesmo sem dinheiro, há **corajosas e corajosos** que, no meio de toda a “tempestade”, avançam. Já encaram as verbas públicas como “utopia”. Um dia chegarão.. . O problema é quando os poderes, além de não darem ajuda financeira, **ainda empurram para trás**. E aí, é o drama absoluto, a destruição do associativismo e de outras iniciativas cidadãs.

Nota: *O associativismo e cidadania refere-se ao que é exercido com rigor, isenção, honestidade e solidariedade. Para servir. Não o que é “exercido” por oportunismo, para burlar, corromper ou enganar. Isto não é associativismo, é crime e está fora desta discussão.*